

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SOLVEIG NORDLUND – UM PERCURSO SINGULAR
25 de Junho de 2022

MARGUERITE DURAS / 1993

Realização e Argumento: Solveig Nordlund / Fotografia: Lisa Hagstrand, Tommy Eibrand / Entrevista: C. G. Bjurstrom, Solveig Nordlund / Montagem: Solveig Nordlund / Som: Jean-Claude Bouron.

Produção: Torromfilm para Svenska Filminstitutet e Sveriges Television (Suécia) / Produtora: Solveig Nordlund / Cópia: Betacam SP, cor, falada em francês, com legendas em português / Duração: 58 minutos / Primeira apresentação pública: 6 de Fevereiro de 1994 (Göteborg Film Festival) / Primeira exibição na Cinemateca: 19 de Março de 2010, Ciclo “Marguerite Duras – A Cor da Palavra”.

MÖTE MED MAI / 1995

“Com Mai Zetterling”

Realização e Argumento: Solveig Nordlund, Jannike Åhlund / Fotografia: José Reynes, Mia Tuross / Com: Mai Zetterling”.

Produção: Göteborg Film Festival, Torromfilm (Suécia) / Produtor: Gunnar Bergdahl / Cópia: em 35mm, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 10 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de SOLVEIG NORDLUND

Marguerite Duras assenta fundamentalmente em duas entrevistas realizadas por Solveig Nordlund em 1985 e 1993, intercaladas por imagens filmadas nos locais da infância de Duras, que nos reenviam para a Indochina francesa, e por algumas outras imagens dos seus filmes, fotografias e outra documentação. São quase dez anos aqueles que separam as duas excelentes entrevistas, filmadas respectivamente em 1985 e 1993. A primeira foi realizada com a colaboração de C. G. Bjurstrom num momento em que Duras havia já conquistado um considerável êxito internacional com os seus livros, e a segunda após a doença que deixou a escritora em coma durante cerca de um ano, que coincide com a interrupção do romance *Chuva de Verão*. Episódio que, como tão bem revela o documentário, terá um papel determinante na forma como a escritora olhará para o mundo daí em diante, dado o seu quase ressuscitar, contando essa entrevista com a presença de Yann Andréa, o companheiro dos seus últimos anos de vida.

Nordlund regressa aos lugares da infância de Duras, ou seja, àqueles lugares a que a própria autora afirma ter recusado voltar fisicamente por considerar que encerravam uma parte da sua vida passada, que coincidia com o seu “País Natal”. Este retorno à “terra da infância” é o cerne da entrevista e do filme pois, como explicitará aqui Duras, é num curto período de tempo de cerca de dez anos que radicará o fundo de todo seu trabalho, pois é nele que nascem todas as experiências e personagens fundadoras, entre

elas a figura e a cena primitiva que estará na origem da integralidade da sua obra: Anne-Marie Stretter. “Comecei a escrever por causa dessa mulher, para ir ao encontro do seu mistério”, dirá no filme, explicitando os motivos de tal mistério. É entre os relatos dessa infância que reencontramos tal figura que atravessa vários dos seus livros e filmes, bem como imagens desses mesmos filmes (**India Song**, **Hiroshima**, **Mon Amour**), ou a alusão à complexa relação com a sua mãe e irmãos.

Ao acompanharmos os travellings conduzidos por Nordlund ao longo dos rios e dos canais habitados pela escritora na infância não podemos deixar de convocar o mesmo tipo de movimentos de tantos dos seus filmes. O elemento aquático, expresso pela predileção de Duras por rios, mas também pelo mar e pelas praias é aliás o elemento por excelência da obra da escritora, que terá a sua origem nessa infância passada num lugar onde a “terra é accidental”. Mas este é também um filme que elucida a importância da escrita e da literatura na sua obra, revelando como o verdadeiro “tema” dos livros de Duras é a própria literatura, a literatura enquanto transfiguração do real: o “fazer passar pela literatura o que temos a dizer”. Concepção que poderemos estender naturalmente ao cinema, ao considerarmos que o “verdadeiro cinema” é aquele cujo “tema” é o próprio cinema. O mesmo cinema que, segundo Duras, chega onde a literatura não chega e é considerado uma “perversão” por todos aqueles que acham que a escritora não devia filmar. Mas são estes os filmes que permanecem, como permaneceu **Hiroshima**, **Mon Amour**, que Duras reafirma considerar como seu.

Este é um impressionante retrato de Marguerite Duras que, mesmo debilitada pela doença, permanece livre, revelando-nos a sua posição face ao mundo pela forma como fala explicitamente da escrita, do amor, dos amantes, do alcoolismo, mas também da política, da injustiça, da pobreza, da sua relação com o dinheiro, da SIDA ou da vergonha sentida face à direita francesa. Um filme que alarga a possibilidade de olharmos para a obra da escritora a partir da sua vida, que obrigatoriamente reenvia para uma obra que se confunde com a sua própria vida.

A sessão termina com um curto filme-entrevista a Mai Zetterling. A conversa decorreu no Verão de 1984 na sua casa no sul da França, onde a atriz e realizadora vivia desde que deixou a Suécia vários anos antes. Quase vinte anos depois de ter realizado **The Girls / Flickorna** (1968), Zetterling alude à má recepção crítica desse seu filme e explica porque deixou a profissão de atriz e a Suécia. A vontade de expandir os seus horizontes ditou o desejo de assumir a realização nos primeiros documentários que filmou, e só o dinheiro ganho em publicidade pagou o seu filme **Loving Couples / Älskande par**, que realizou em 1964 e prolongou a polémica gerada pelo livro que adaptou, escrito trinta anos antes. Nordlund ainda lhe pergunta se, dada a especificidade do seu cinema, se trata de um cinema no feminino, mas Zetterling replica que são antes filmes pessoais. Filmes pessoais, como é pessoal todo o cinema de Nordlund.

Joana Ascensão